

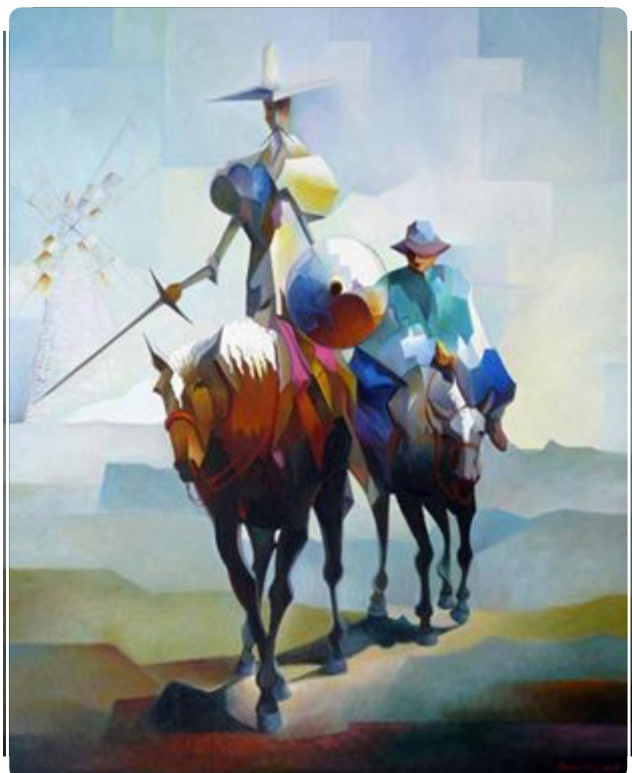
Uma andorinha só não faz elaboração

FLÁVIA BERNARDI

Em meio às páginas da obra-prima de Miguel de Cervantes Saavedra (2016, p. 174), *Dom Quixote*, encontrei o conhecido dito popular “uma andorinha só não faz verão”. Foi dos céus espanhóis, do mundo das longínquas novelas de cavalaria, que surgiu tal frase? Foi das elucubrações delirantes de nosso cavaleiro andante que tal metáfora surgiu para dar conta de explicar a necessidade do “bando” para que uma estação de fato exista? Pensei na força das palavras para salvar o sujeito do seu sofrimento psíquico, para possibilitar que o recalcado tenha acesso a outros sentidos. Essas palavras que vão se ressignificando e, juntas, formam novas frases... novas perspectivas de saída do sofrimento psíquico que encarcera o sujeito numa única estação, como se congelado: o sol é escasso para aqueles que se sentem presos aos invernos sem fim!

Talvez fosse isto o que Dom Quixote também nos ensinava: que as palavras, juntas, têm o poder de oferecer ao sujeito a possibilidade de deslizar por novos sentidos. E é a escuta do analista, ancorada na atenção flutuante, que permitirá o advir do sujeito — ou, metaforizando, que permitirá que o sujeito deslize entre as “estações” naturais da vida e possa aproveitar os variados climas (e encantos) de cada uma delas. No *setting* analítico, nossa função é justamente “sanchopanciana”: permitimos que o sujeito fale de si e devolvemos a ele questões que possibilitem um reencontro consigo mesmo. A querida cepiana Sueli Souza dos Santos (2005, p. 81), num interessante artigo sobre o cavaleiro andante, publicado numa das revistas de nossa instituição, diz: “É preciso falar para alguém Sancho Pança, para que, ao falar, dizendo de si, retorne-lhe uma resposta que o recoloca frente a suas supostas razões; ou que possa, pela resposta do escudeiro, asseverar seu lugar de destemido, fidalgo e nobre, reafirmando-se”.

Outros personagens da literatura voam por esses mesmos céus e nos levam a pensar



Reprodução da pintura cubista *Dom Quixote e Sancho Pança*, de Damião Martins.

no “encontro” como fundamental para que a elaboração ocorra. Em *O alienista*, Machado de Assis (2014) cria o personagem Crispim Soares, que faz as vezes de Sancho Pança para o protagonista Simão Bacamarte — o Dom Quixote da narrativa de 1888 — e acompanha as conjecturas e os devaneios do amigo. Valter Hugo Mãe, em sua belíssima narrativa invernal nos fiordes islandeses, intitulada *A desumanização* (2017), também cita as aves, que fazem sentido quando se juntam em bando, dizendo assim, por meio de sua personagem Halla:

O meu pai, Steindór, põe palavras nas mãos e elas começam a piar e são iguais às andorinhas. [...] Algumas palavras, depois, têm outras como filhas. Andam acompanhadas com elas e ensinam-lhes a brincar e a serem felizes. Quando passam os bandos a voar, o meu pai diz que é um texto. Diz que o podemos ler (MÃE, 2017, p. 59).



São exemplos literários que nos ajudam a pensar na função do analista, que deve acompanhar seu analisando no percurso analítico: voando junto, no largo céu da elaboração, oferecendo-lhe tradução, palavras, bem como um espaço para que recorde e enuncie. A palavra só tem força porque é dita e é escutada: seja por aquele que fala, seja por aquele que escuta. A escuta é a “mãe” da andorinha que faz o verão, e ela tem a elaboração como “filha”.

A elaboração é algo lento, que não se dá a partir da revelação direta de verdades... exige tempo. Somente no verão é que as andorinhas andam em bando. O analista também deve an-

dar pelas beiradas, sem ir diretamente ao ponto: vários “significantes-andorinhas” precisam ser construídos para que surja a elaboração.

É o tempo das estações.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, J. M. M. **O alienista**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- SAAVEDRA, M. C. **Dom Quixote de La Mancha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- MÃE, V. H. **A desumanização**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- SANTOS, S. S. A sábia loucura de Dom Quixote. **Revista do CEP-PA**, Porto Alegre, v. 12, p. 77-91, 2005.

De flores e náuseas

DOMINGOS BARROSO DA COSTA

Conversando com um amigo acerca do trabalho jurídico desempenhado junto aos submetidos ao medieval sistema prisional brasileiro, ele me disse: “A gente trabalha na fissura do muro”. Achei a construção riquíssima, na medida em que ela própria se abre como uma fissura para diversas interpretações aplicáveis aos mais variados contextos de nossa contemporaneidade e aos diversos muros que a constituem. Afinal, é de muros que tratamos quando dizemos das pretensões autoritárias voltadas à exclusão daqueles que não se enquadram nas caixas de normalidade em que se organizam os preconceitos correntes e dominantes.

Ocorre que as fissuras são o destino de todo muro, e disso bem sabe a psicanálise, que busca nessas frestas as palavras que as ameaças autoritárias tentam abafar. São os muros

que estabelecem o mal-estar enquanto representação de um poder imobilizado e imobilizante destinado a isolar a igualdade de toda diferença. São os muros que impõem limites uniformizantes à pluralidade subjetiva, restringindo seus horizontes em nome de uma mediocridade bovinamente compartilhada. A paz cinza dos muros de morte é onde os autoritários tentam fuzilar as palavras e as frestas que se abrem para que a vida possa emergir.

Não há psicanálise sem resistência à pretensão totalitária dos muros ou sem a denúncia e o acolhimento de suas fissuras. “A gente trabalha na fissura do muro” em busca da diferença, da vida e das flores que podem dali emergir. E, se nascem dos muros, não importa que sejam feias; continuam sendo flores, como bem sabia Drummond: “É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”.

